

**PEREIRA, Américo, *Ética e Teologia: Declinações de uma relação*.  
Lisboa: Editorial Cáritas, 2016. 206 p.**

Compõe-se esta obra de 35 textos, incluindo o da apresentação subscrito pelo autor, divididos por quatro partes, numa espécie de compasso quarternário que desenrola o tempo do texto, mas com ritmos irregulares, se atentarmos a que na organização de cada parte a distribuição é desigual: doze textos para a primeira, sete, cinco e dez para as seguintes. O que há de significativo nesta metáfora musical está em que ela ilustra os ritmos de pensamento do autor, dobrados e desdobrados num ritmo cordial, em diástoles e sístoles de meditação.

A obra não se organiza em capítulos e prefere o ritmo livre do pensar que incarna em cada texto como se cada texto fosse um quadro de meditação a desenrolar. E talvez por isso, na forma tipográfica da disposição interna, ainda aqueles textos que têm relação de continuidade por formarem um único texto aparecem no papel como se fossem ou pudessem ser lidos com independência textual, libertos como quadros meditativos para a cogitação dos leitores. Vejo nisto uma opção formal, estética, do autor, sob que organiza uma intencionalidade específica, a de libertar a obra tanto do cânone tipográfico quanto do ensaísmo académico. Tudo no livro respira intenção.

A mancha do texto não obedece ao gramaticalmente correto ou ao que é habitual em obras deste tipo, que não deixa de ser um livro ensaístico, pois que o texto vem de sua forma corrido,

sem parágrafos assinalados por avanço interno da primeira linha, dispostos em estilo de relatório, mas sem espaços entre eles, dando a impressão de que o autor quis significar que cada texto é o de uma meditação cerrada sobre conteúdos que os títulos vão anunciando.

O que caracteriza formal e esteticamente esta obra está em ser ela um livro de meditação filosófica. Um livro de ensaios, por certo, mas não na aceção do ensaio afeta hoje à gíria académica de uma investigação a obedecer a uma forma canónica de organização de tema, submetida a protocolo científico, de procedimentos por regras e metodologias-tipo. É um livro de ensaios no sentido de que o ensaísmo representa a vida livre do pensamento, um pouco à imagem original de Montaigne, de serem os *ensaaios* tentativas, esboços literários, propostas reflexivas. Em Américo Pereira, tais propostas não deixam de pautar-se pelo rigor conceptual e por um exercício filosófico de pensamento que evita o facilitismo dos caminhos e se manifesta num estilo claro, e de acordo com o que dizia Ortega y Gasset, de que «la claridad es la cortesía del filósofo».

É como propostas ensaísticas que se compreende melhor o subtítulo da obra: «Declinações de uma relação», em parte exercícios cogitativos, em parte, e usando de metáfora gramatical, flexão de uma relação em todos os seus casos possíveis. Os ensaios de Américo Pereira

são flexões e re-flexões, dobrando e desdobrando conteúdos, fazendo e refazendo quadros de meditação.

Mas são flexões de quê? Indica-o o título. Flexões da relação entre ética e teologia. Podemos neste sentido dizer que o discurso de *Ética e Teologia: Declinações de uma relação* se forma a partir de uma convicta adunação de áreas de saber à partida diversas e longínquas. Se são diversas, concordará o autor. Se são longínquas, não o parecem ser para Américo Pereira, que até convém numa espécie de redução da teologia à ética, nisto se mostrando, como em outros lugares, um pensador corajoso.

De facto, escreve na «Apresentação» que a «actividade teológica, sendo actividade, pertence ao âmbito da ética», pelo que a teologia é «a ética aplicada à reflexão sobre o "Logos" divino» (p. 11). Tem uma ideia de que o nível mais alto da ética concita à contemplação, pelo que a ética tem o seu ponto culminante na teologia, na «reflexão» sobre o «divino absoluto», o bem e o ato puro. A inspiração para esta culminância da ética na teologia ou de uma redução da teologia ao campo da ética, no sentido em que ela lhe pertenceria ou nela se integraria, tem o seu fundamento último na pericorese trinitária, como o autor sublinha, identificando-a nos termos de «uma pura ética divina, em que o acto de Deus Uno e Trino corresponde à eterna mútua contemplação reflexiva, indiscernível do acto de eterno mútuo amor» (p. 11).

O convívio trinitário das Pessoas informará, aliás, a reflexão ético-teológica de Américo Pereira, sobretudo aquela que, com acentuação já sociológica, já política, diz diretamente respeito ao mistério cristão do amor, fundamento real do convívio social entre os seres humanos, e da família às comunidades humanas e à *polis*. Ele verá, por isso, na pericorese o paradigma ético da ética

humana, concebida esta como atividade em sociedade e como vida da inteligência, que é, para Américo Pereira, inteligência convivencial ou em convívio com outras inteligências, fundadas na realidade criadora do amor que quer mas não impõe, que deseja mas não violenta, e que ele ausculta como o que se opõe terminantemente ao totalitarismo, à violência, à escravatura e a todas as formas amesquinadoras da humanidade do ser humano, como o mostra no primeiro texto da coletânea, que incide sobre o fascismo como totalitarismo e violência e que intitula «Redefinição de "fascismo" como aniquilação ética e política da pessoa humana».

É, pois, na pericorese trinitária que se encontra o exemplo mais alto da primeira e ultimante declinação da relação entre ética e teologia e onde verdadeiramente estes saberes se unem, a união do *ethos* da ética com o *logos* da teologia. Será por particular atenção à noção e à significação de atividade, seja a humana, seja a da pericorese, seja mesmo a da teologia como atividade também humana, que Américo Pereira, entendendo a ética como saber da atividade (e neste sentido são saberes de atividade a ética e a teologia), virá a identificar a ética com a própria atividade humana, de que a atividade da pericorese seria o perfeito paradigma. Não é, pois, de estranhar que a primeira afirmação do seu texto seja esta: «A ética é a ação humana» (p. 11).

A afirmação tem, aliás, várias consequências, sendo sobretudo a primeira a declaração formal de ser a ética o «"topos" ativo [...] da possibilidade de bem e de mal» e «o único lugar para tal» (p. 11), o que mostra a ética diretamente comprometida com a reflexão sobre o bem e o mal, donde a linha persistente das meditações de Américo Pereira sobre o problema do mal, do qual, no entanto, pensa não haver ontologia, anunciando-lhe a

raiz no coração e na ação do homem, pelo que, para ele, a origem do mal é fundamentalmente ética, estando no desvio das inteligências ao bem que deviam cumprir e que é, na realidade, a instância substancial do dever-ser.

São a este propósito muito luminosas e ilustrativas as páginas que dedica ao livro de Job e às comparações deste com a epopeia de Gilgamesh, como ilustrativa se mostra a reflexão que alcança da criação divina como ato de amor e do que isso essencialmente implica para a inteligência humana, porque a criação imprimiu na humana inteligência o transcendental do bem, donde o mal como história de um desvio, de Adão, Eva e Caim ao homem de hoje.

Neste ponto decisivo, a história para Américo Pereira é a história do pecado, do resgate e da salvação, sendo por isso e crucialmente o «sim» de Maria e o facto incarnacional do Verbo os instantes *kai-róticos* do projeto salvífico de Deus. A meditação de Américo Pereira, sendo católica na sua decisão creencial íntima, é intensamente mariana, ao mesmo tempo que cristológica. Será até por isso que vê no «sim» de Maria o mais perfeito modelo do assentimento da inteligência a Deus e ao bem, donde o «não» como simbolicamente figurando na gramática do assentimento, para glosar um título de John Henry Newman, o negativo do orgulho, do ateísmo e da cisão satânica, cisão pela qual se torna *possível* o inferno, que, a propósito de Hans Urs von Balthasar, Américo Pereira tematiza como o lugar *possível* que o «não» pode tornar real.

No trânsito das meditações de Américo Pereira, apesar do luminoso foco do bem e do amor que o arrasta para o píncaro do que melhor pensa neste livro, há uma sombra persistente, um lugar trágico que ele espreita e uma obsessão que continuamente persegue. É a ideia de que a natureza do ser humano

o predispõe para o que é o negativo do bem, e daí uma imagem gigantesca da sociedade humana e da história dos homens, incluindo a nossa contemporaneidade, sob evocação pessimista, que atende à tragicidade da miséria humana e o seu ror de tiranias, violências, estu- pros, ludibrios até ao amesquinamento e à anulação do humano no homem pelo próprio homem, como se vê na escravatura, no genocídio e, em particular, se viu na ferocidade do nazismo.

É-lhe muito difícil superar este discurso sobre o mal histórico, talvez por pensar não ser dele a atitude pessimista, mas por ver que a realidade se manifesta assim e assim se tem manifestado. Mas é sem remédio o mal? Insuperável como tendência no homem?

O visto claramente visto, para glosar o Poeta, é o de uma história e de uma *polis* como lugar do trágico, mas se o é, e se ontologicamente o é, insuperáveis se mostram o rosto do mal e a ferocidade das inteligências. Sabe, porém, o autor que na parte de bem que pensou como ínsita à inteligência, espécie substancial da fulguração em nós do *Logos* de Deus, está a resposta à máquina de morte e violência que uma inteligência pode ser. O resgate do mal está na própria inteligência, mas na inteligência que diz «sim», segundo a proposta mariana de Américo Pereira.

Essa é a inteligência que se comove e profundamente se move no mistério do ser que é o de todo o bem possível e bem real. Por isso, concordo neste aspeto com Américo Pereira, de ser necessário o «sim», discorde embora do seu pessimismo, tão antagónico desse bem que ele próprio aflorou no coração das almas. De todo o modo, o mais alto que pensa está na indicação ético-teológica do bem que vê ínsito à inteligência e que é suficiente para marcar que não o bem, que é eficiente, mas que o mal não é mais do

que uma tendência, por carecer de substancialidade, uma vez que, se é de algum modo, é-o por deficiência.

O mal, para Américo Pereira, não é, assim, sem remédio, pese o facto de ele acreditar no quão difícil é a administração do remédio, pois que na história humana nunca houve sociedade tal que se afirmasse na união do perfeito amor.

Suponho que Américo Pereira, embora não mo diga o texto, siga aqui por mão de Santo Agostinho, podendo assim pensar numa sociedade onde o dever-ser fosse a expressão constantemente atualizada da fórmula agostiniana: «Ama, e o que quiseres, faz!» É, pois, necessário regressar a uma gramática do assentimento, ao paradigma do «sim» de Maria.

Manuel Cândido Pimentel